

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

# humanitas

*Dep. 15-2/3*

Vol. LXIII

*Reg.*



*25/01/2012*

• U C •



COIMBRA  
2011

As considerações que Frazier tece em torno da ideia de *tyche* merecem atenção equivalente no caso do conceito de *pronoia*, a outra ideia central no fio condutor que dá sentido a esta obra.

No que diz respeito à organização do volume, ele está dividido em três partes. A primeira, subordinada ao tema «Doutrinas e debates filosóficos» (pp. 1-66), é composta pelos textos de Rosa Aguilar, Raul Caballero, Paola Volpe, Francesco Becchi e Juan Francisco Martos. Neste conjunto de propostas, discutem-se temas como o platonismo de Plutarco, o seu estoicismo – bem como a crítica ao mesmo, através da análise do tratado «Contradições dos Estóicos» –, relações com o epicurismo, e ainda a eventual articulação entre as ideias de Providência e Livre-Arbítrio.

A segunda parte, «Entre Filosofia e Religião, as relações de homens e deuses» (67-138), inicia-se com um novo texto de F. Frazier, em torno da teodiceia de Plutarco, partindo da oposição entre a Providência platónica e a *Tyche* epicurista. Frazier é acompanhada nesta parte por Geert Roskam, Ana Isabel Jiménez e Mónica Duran, que debatem os temas da demonologia socrática, da presença dos cultos orientais na obra do Queronense, da condenação dos *pseudomanteis*, da importância dos sonhos na *Vitae* – em particular os presentes nas vidas dos heróis helenísticos, em que a *Tyche* assume um papel mais preponderante e significativo. Este último tema está presente no estudo de Duran que tem sobretudo o mérito de se articular com as metodologias psicoanalíticas, tantas vezes criticadas, mas igualmente atraentes, do ponto de vista das propostas.

A terceira e última parte dedica-se a «Interpretar a acção humana» (pp. 139-249), através da intervenção da *Tyche*. Os contributos são da autoria de Marie-Rose Guelfucci, A. Pérez Jiménez, Delfim F. Leão, Maria do Céu Fialho, R. Scannapieco e Angelo Casanova. Os trabalhos aqui apresentados dividem-se entre a análise comparatista com outros autores relativamente coevos, como Políbio (e por conseguinte a presença de temáticas comuns nos mesmos, permitindo uma perspectiva renovada sobre o autor de Queroneia), as funcionalidades da Providência nas *Vidas*, a presença de outros conceitos filosóficos – como *kairos* e *chronos*, nos textos plutarquianos – e sua respectiva utilização retórica. Esta parte inclui ainda análises eficazes sobre a construção de algumas das figuras do *corpus* biográfico de Plutarco, como as de Fócion e Alexandre. No seu conjunto, as exegeses propostas revelam originalidade, pertinência e chegam mesmo a propor novidades ao nível da perspectiva de análise.

Em suma, o mérito do livro em apreço é conseguido pela conjugação da inegável qualidade científica dos estudos nele apresentados, mas também pelo facto de reunir contributos de autores de vários países (Portugal, Espanha, França, Bélgica e Itália), constituindo uma verdadeira e adequada *joint venture* no estudo do «Educador da Europa». A existência de um índice de passos citados contribui também para a qualidade da publicação. Por outro lado, seria eventualmente cómodo para o leitor encontrar uma bibliografia conjunta no final do volume, bem como um índice temático e topo-antropónimoico. Esta lacuna, todavia, em nada reduz a importância e a qualidade da publicação, ao nível, aliás, do que os já imprescindíveis *Classica Digitalia* nos habituaram. Parabéns, pois, aos seus editores.

NUNO S. RODRIGUES

FURLAN, Mauri (Org.), *Clássicos da Teoria da Tradução. Antologia bilingue. Volume 4: Renascimento*. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2006, 463 pp., ISBN: 85-88464-09-8.

A Antologia de Mauri Furlan, da Universidade Federal de Santa Catarina (Florianópolis), é o 4º volume da colecção de antologias de textos teóricos sobre tradução e sucede a três Antologias Bilingues de Clássicos da Teoria da Tradução (duas das quais já esgotadas): *Volume 1 - Alemão/Português*, de Werner Heidermann (org.), 2001 (218p.); *Volume 2 - Francês/Português*, de Cláudia Borges de Faveri & Marie-Hélène Catherine Torres (orgs.), 2004 (224p.); e *Volume 3 - Italiano/Português*, de Andréia Guerini & Maria Teresa Arrigoni (orgs.) 2005 (222p.). O *Volume 4* vem a ser dedicado aos autores do Renascimento, aqueles que lançaram as bases do pensamento moderno sobre tradução. Assim, ao contrário dos três primeiros volumes, centrados na apresentação de textos de uma determinada língua, o volume dedicado ao Renascimento estende-se antes aos autores de uma época que podemos considerar ‘fundadora’, abrangendo por isso textos de língua alemã, castelhana, francesa, portuguesa, latina e inglesa e cobrindo um espectro de autores que vai desde o humanista italiano Leonardo Bruni, até ao limiar do século XVII, representado por um autor como Cervantes.

Para melhor enquadramento desta antologia, convém registar três artigos que o mesmo autor publicou em anos precedentes, e que constituem uma “Brevíssima história da teoria da tradução no Ocidente – I. Os

Romanos”, *Cadernos de Tradução* VIII (2003) 11-28; “II. Idade Média”, *Cadernos de Tradução* XII (2005) 9-28 e “III. Final da Idade Média e Renascimento”, *Cadernos de Tradução* XIII (2005) 9-25.

Alonso de Cartagena, Martinho Lutero, Juan Luís Vives, Juan Boscán, Garcilaso de la Vega, Juan de Valdés, Étienne Dolet, o português João de Barros, Sperone Speroni, Lodovico Castelvetro, Thomas Sébillet, Joachim du Bellay, Jacques Peletier du Mans, Sebastiano Fausto da Longiano, Jacques Amyot, Frei Luis de León, Alessandro Piccolomini, Georges Chapman são autores cuja produção ilustra esta antologia, num cuidadoso trabalho editorial que apresenta face a face a versão original e a tradução, ambas precedidas de uma brevíssima apresentação dos respectivos autores.

Tratando-se porém de uma obra sobre como traduzir com arte, para a qual foi, aliás, convocado elevado número de tradutores, o leitor não deixa de encontrar certos trechos de difícil leitura, nomeadamente na tradução de textos de língua latina (como na p. 123, ou na p. 127), cuja obscuridade mereceria mais alguma atenção; e até mesmo incorrecções gramaticais, que reflectem indevidamente a gramática da língua de partida e não deixam de denunciar uma certa desatenção à língua de chegada, como aconteceu na p. 89, na troca de *houvesse* por *houvessem*.

No entanto, estas pequenas questões de natureza formal não diminuem, de modo nenhum, a utilidade da obra, para todos quantos se interessam pelas teorias da linguagem, os estudos de tradução e até mesmo os efeitos que as traduções dos clássicos tiveram sobre as línguas vernáculas, num momento em que aquelas se constituíam como factor de identidade nacional. O interesse particular do volume está no facto de ele reunir um conjunto de textos representativos dos “fundamentos da actual Ciência da Tradução”, com padrões de exigência ainda hoje vigentes, que apontam já para determinadas constantes de pensamento que M. Furlan descreve, de modo inteligente, na introdução das pp. 15-45 (às quais se segue abundante bibliografia). A descrição perspicaz que o autor apresenta da teoria da tradução no Renascimento resulta do facto de ele se servir justamente da teoria da retórica clássica, enquanto teoria da linguagem comum à Europa renascentista, para a elaboração de uma nova concepção de traduzir, a que chama uma *tradução retórica*, sujeita a uma doutrina *elocutiva* (p. 25). Essencial é pois a noção do tradutor como ‘retórico’ e da *elocutio* como terceira parte da retórica, com os respectivos preceitos (*latinitas, perspicuitas, ornatus, aptum e uitia*), já para não falar da *proprietas uerbi*, da

*puritas* e da *perspicuitas* (clareza), requisitos anteriores, do tradutor como gramático.

De grande diversidade são as fontes doutrinárias aonde M. Furlan vai buscar os seus textos: prólogos, prefácios, introduções, ensaios, comentários, críticas, dedicatórias, cartas e traduções propriamente ditas, sempre procedentes de uma época a que chama “berço da tradutologia” e que, a seus olhos, justifica que a série de Antologias, iniciada em 2001, preste especial atenção aos teóricos do século XVI.

Nas fontes recolhidas, encontramos questões como o domínio da língua de partida e da língua de chegada, o conhecimento da matéria, o uso do ouvido e a habilidade poética na actividade de tradução, questões de estilo e de valores estéticos, da relação conteúdo/forma, sentido/palavra, espírito/letra; e ainda questões relacionadas com o leitor destinatário e o uso da língua comum; com a tipologia dos textos e respectiva tipologia de traduções. Da sua leitura dimanam algumas convergências de inequívoca modernidade, nomeadamente a atenção dada pela tradução à *elocutio*, reflectindo a *elocutio* da produção literária original.

*Ca una cosa es hablar según el arte y otra es hablar del arte*, escrevia Alonso de Cartagena (p. 84). As suas palavras traduzem a grande novidade que, segundo M. Furlan, o Renascimento trouxe à teoria sobre a tradução, novidade essa estreitamente unida à questão da *elocutio*: “o uso do ouvido, ou da habilidade poética”, “possuir e usar o ouvido”, “a compreensão e reprodução *artística* do original”.

MARGARIDA LOPES DE MIRANDA

GIL, Isabel Capelo e PIMENTEL, Manuel Cândido (Eds.), *Simone de Beauvoir: Olhares sobre a mulher e o feminino*. Lisboa, Nova Vega/CEFI/CEC, 2010, 260 pp. ISBN: 978-972-699-964-5.

Este livro é fruto de projeto interdisciplinar do Centro de Estudos de Filosofia (CEFi) e do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura (CECC) da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, os quais promoveram, em novembro de 2008, em Lisboa, evento comemorativo do centenário do nascimento de Simone de Beauvoir. Para os classicistas, ele poderia passar despercebido. Entretanto, alguns estudos que o integram tratam também da retomada dos antigos pela filósofa,